A LEITURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NUMA TURMA DE 2° ANO [1]

Fernanda Ribeiro Gaspar

Resumo: Esse artigo apresenta o resultado de uma pesquisa-ação com foco na temática da leitura. O estudo foi realizado em conjunto com o Estágio no Ciclo de Alfabetização o que possibilitou a identificação de como o ler se fazia presente numa turma de 2º ano de uma escola pública de Tubarão. Pela pesquisa-ação observou-se o cotidiano desses alunos em relação à alfabetização e, a partir da análise desta prática e o estudo de autores que tratam da temática, vislumbrou-se possíveis ações que aprimorassem a leitura nessa turma, as quais foram efetivadas durante os dias de intervenção na realidade observada.

Palavras-chave: Leitura, Literatura Infantil, Educação, Alfabetização.

Abstract: Through bibliographic studies, it was observed the importance of reading in the literacy process. This article indicates how it is worked in a class of the second year of elementary school of a municipal school in the city of Tubarão. The present study, carried out in conjunction with the stage in the literacy cycle of the pedagogy course, analyzed reading in the classroom, as well as contact with storytelling and several textual genres. Thus, through an action research, some characteristics of the reading routine of these students were observed and, from this analysis, an action plan was created that improved the reading practices of this class.

Keywords: Reading, Children's Literature, Education, Literacy.

[1] Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob orientação da professora Rosicler Schafaschek, no segundo semestre de 2018.

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse por leitura foi desencadeado pela professora de Português Idione Vargas, quando eu cursava a quinta série do Ensino Fundamental. Em suas aulas ela contava histórias de livros que havia lido e, mais do que as histórias, o que despertou o meu interesse foi a paixão que ela demonstrava pela leitura. As aulas dessa professora estimularam minha paixão pelos livros. Encontrei, pela primeira vez, prazer na leitura e tornei-me leitora. Além de conhecimento, a leitura me proporcionou viagens por espaços e tempos diferentes do conhecido, me fez observar o mundo com um olhar mais crítico e ampliar constantemente meu vocabulário. Sobre a motivação que o professor pode causar no aluno, Maruny (2000, p. 86) cita que "o entusiasmo, a diversão e o prazer são contagiosos tanto quanto o tédio. [...] A atitude do professor frente à aprendizagem, frente à escrita e à leitura é fundamental".

Cagliari diz que a "atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura" (1994, p.148) e eu concordo com este autor. No entanto, ao buscar recordações da minha experiência como aluna, percebo que não tínhamos muito estímulo para ler nos anos iniciais, no período que justamente se aprende a ler. Lembro-me da alfabetização com cartilhas, do bê-a-bá, de decorar sílabas e palavras, mas não de lermos livros, de contação de histórias ou do contato com poesias, rimas, etc.

Nesse sentido, pesquisei o tema da leitura numa turma de segundo ano escolar, de uma escola pública municipal da cidade de Tubarão. Esse artigo tem como objetivo apresentar os dados coletados e analisados por mim à luz de autores que discutem esta questão. Esta pesquisa ocorreu concomitantemente ao estágio no ciclo de alfabetização do curso de Pedagogia e, neste sentido, optou-se por uma pesquisa-ação para compreender melhor a prática da leitura na alfabetização.

Para Severino (2007, p.120) a pesquisa-ação, "ao mesmo tempo em que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, (...) propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos, mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas". Assim, no período de cinco dias, observei a turma do segundo ano em questão - composta por 19 alunos e uma professora com formação em Pedagogia - buscando identificar e analisar a leitura naquele espaço de alfabetização. Depois do período de observação planejei minha docência com foco na leitura, desenvolvida num período de cinco dias, três horas por dia.

A leitura na turma do segundo ano

Muitas pesquisas realizadas em todo mundo mostram que a criança que tem contato com a leitura desde cedo, principalmente se houver o acompanhamento dos pais, pode aprimorar a aprendizagem em diversos sentidos, como: pronunciar melhor as palavras, se comunicar melhor de forma geral e desenvolver um vocabulário mais amplo. Além de estimular o cérebro e ajudar a desenvolver a capacidade de raciocínio,

> ...quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos. É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Desde a primeira infância, somos carregados de histórias que ouvíamos dos avós, dos pais ou dos tios.

> Por isso, quando ainda não havia bibliotecas infantis, não era tão grande e sensível a sua falta; o convívio humano as substituía. Tempos em que a família, aconchegada, criava um ambiente favorável à formação da criança. (MEIRELES, 1979, p.42)

É dever da escola preparar a criança para ser um cidadão, ensinando-a a ler e escrever, construir suas próprias ideias, desenvolver o pensamento critico e capacidade de argumentação. Segundo Dutra (2011), ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno, principalmente após recentes pesquisas que apontam ser esta uma das principais deficiências do estudante brasileiro. Cagliari diz que a "atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura" (1992, p.148). E afirma ainda que:

> A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para qual o professor e a escola não dedicam mais que alguns míseros minutos, na ânsia de retornar aos problemas da escrita, julgados mais importantes. (CAGLIARI, 1992, p.173).

Ao longo dos anos, vários métodos de alfabetização foram criados e utilizados e, muitas vezes, “a preocupação com a aprendizagem da língua escrita, considerada difícil, leva o professor à escolha de métodos dissociados do desenvolvimento psicolinguísticos e sociocultural dos alunos, privilegiando o domínio do alfabeto” (SARAIVA, 2011, p. 29). Para superar esta situação a autora convoca os professores a inserir a literatura infantil nesse processo, utilizando os diversos âmbitos que ela oferece.

De acordo com Rego (1995), através da literatura infantil pode-se despertar a atenção da criança para características sintático-semânticas da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica.

Durante muitos anos, o processo de alfabetização tinha como a maior preocupação a decodificação das palavras e, com isso, usava-se o método de memorização de sílabas e palavras. Sendo assim, os textos apresentados para a criança ler eram muito pobres, pois evitava-se “as correspondências grafo-fônicas que ainda não foram ensinadas às crianças, subtraindo qualquer possibilidade de leitura e escrita que extrapole o domínio dos padrões silábicos aprendidos” (REGO, p.16)

Sobre o ato de ler, Lajolo complementa:

> Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982, p. 59).

Sendo assim, não basta empurrar livros sem significados, sem causar uma fascinação e despertar o interesse da criança. A literatura deve ser apresentada de forma que encante, motive e desafie. Afinal, é na infância que boa parte dos hábitos se forma e é o momento certo de lhes mostrar como ter prazer com a leitura.

A literatura infantil, apesar de ser uma importante ferramenta no processo de alfabetização, não é a única forma de criar situações onde a criança tenha contato com a leitura e a escrita. Pode-se explorar a leitura e a criação de textos ao fazer a criança “participar das variadas situações de comunicação oral; interessar-se pela leitura de histórias; familiarizar-se com a escrita por meios de livros, revistas, histórias em quadrinhos etc...”(BRASIL,1998, p.119). Neste caso, estaremos fazendo da sala de aula um ambiente alfabetizador ou um espaço de letramento.

A partir destes conceitos iniciou-se a primeira etapa de coleta de dados desta pesquisa onde foi acompanhado o cotidiano da turma do segundo ano do ensino fundamental buscando suas vivências literárias. Foi constatado que a leitura estava muito presente nessa

turma, seja através do livro didático, de textos escritos no quadro pela professora ou elaborados pelas crianças em seus cadernos. Porém, textos de literatura infantil não apareceram nenhuma vez como proposta de aula da professora.

Ao fundo da sala de aula havia um cantinho da leitura, com livros de literatura em boas condições e gibis. Além disso, havia um caderno de receitas, elaborado por uma estagiária. Assim que alguns alunos terminavam as atividades, a professora os incentivava a irem buscar um livro. No entanto, os alunos iam até lá e ficavam brincando no tapete, mas não pegavam livros.

Ficou evidente que o Cantinho da Leitura da sala não estava caracterizado como um lugar de vivências literárias e que a leitura não era vista como um momento de prazer e diversão. Pensando nisso, foram planejadas atividades para a intervenção, que ajudassem a despertar o interesse e prazer pela leitura, criando um momento de lazer.

Em todos os dias de observação a professora leu para seus alunos textos do livro didático, que fundamentavam o conteúdo ensinado. Em apenas duas ocasiões foi pedido que as crianças lessem todas juntas uma parte desses textos e, apenas uma vez, no período de coleta de dados, foi solicitada a leitura individual de uma aluna, que leu de forma fluente.

A fluência é o que liga a leitura à compreensão dos textos, sendo dividida por três indicadores: "a velocidade de leitura, palavras por minuto; o número de erros (que deve ser inferior a 5% das palavras lidas); a prosódia, que se refere à entonação e ritmo da leitura" (OLIVEIRA; CHADWICK, 2008, p. 13). Seguindo essa concepção de leitura fluente, foi analisado que apenas três alunos ainda não a fazem, mas já são capazes de decodificar as sílabas.

Como já estão no segundo ano do ciclo de alfabetização, a maioria das crianças já sabe ler e escrever. Algumas possuem dificuldades para codificar e decodificar e, diante disso, em uma ocasião, a professora formou duplas para a elaboração de um pequeno texto, que tratava da diferenciação da zona rural e zona urbana. Posteriormente, a professora leu cada texto, indicando se estava correto e o que precisava ser corrigido - em geral, erros de ortografia.

Na alfabetização, decodificar é transformar corretamente a escrita no seu correspondente oral e codificar é transformar a linguagem oral em seu correspondente escrito. Assim, afirma Batista (2006, p.16), a alfabetização "[...] designa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da língua, transformando-os em sinais gráficos."

A intervenção realizada na turma

Segundo Aguiar (1988, p. 27), "todo hábito entra na vida como um jogo que, por mobilizar emoções, inspirar prazer, exige repetição contínua e renovada". Por isso, durante cinco dias de atuação como docente na turma foram propostas atividades que envolveram alguns gêneros literários - listas, poemas, parlendas, fábulas, etc, - nos quais as crianças não apenas fossem leitoras, mas também criadoras de suas histórias.

> (...) o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1989, p.28,29)

Observou-se que toda segunda-feira a professora liberava pequenos grupos de crianças para irem à biblioteca, onde pegavam um livro para ler em casa e devolver o que levaram na semana anterior. A bibliotecária as supervisionava, dando suporte quando necessário. Esses livros eram levados para casa, para que as crianças praticassem a leitura. No entanto, a respeito deste livro não ocorria nenhuma discussão, interpretação de história lida ou representação das crianças a respeito do livro. Tendo em vista que a maior parte das crianças não fazia as tarefas encaminhadas para casa, concluiu-se que dificilmente liam o livro retirado da biblioteca.

Deste modo, no primeiro dia em que foi realizada a intervenção, fomos todos juntos à biblioteca para a habitual troca de livros e pedi que as crianças me contassem as histórias que haviam levado para casa, pois escolheríamos uma delas para uma outra atividade. Como eu havia imaginado, duas crianças não tinham feito a leitura dos livros emprestados. Por isso, propus que lessem ali mesmo, afinal, a sua história poderia ser a escolhida.

Ainda assim, poucos se manifestaram para participar. Como este era o nosso primeiro contato com as vivências programadas, não insisti, para que eles não entendessem a atividade como uma obrigação. Afinal, segundo Kriegl (2002), ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura.

Escolhemos o livro "Tem um monstro no meu jardim", de Janaina Tokitaka, e retornamos à sala de aula. Lá, direcionei-os ao Cantinho da Leitura e perguntei quem gostava de brincar de mímica e todos responderam de forma afirmativa. Propus que, enquanto eu lesse o livro que escolhemos, eles fossem imitando os personagens com mímicas.

Apenas três crianças participaram da brincadeira. No entanto, percebi que o restante participava indiretamente, dizendo aos amigos o que deveriam fazer. Com essa atividade, pude observar que elas estavam se abrindo às novas possibilidades apresentadas.

Sabe-se que as crianças são muito observadoras e acabam reproduzindo as condutas dos adultos. Isso acaba se tornando uma oportunidade para que o professor explore os gestos, a posição do livro, a entonação ao ler um gênero textual, a emoção que a leitura pode proporcionar, etc. Esses detalhes podem ser fundamentais para a motivação da criança para aprender a ler e sentir prazer através da leitura.

Durante as aulas de matemática, percebi a leitura e interpretação de textos sendo explorada pela professora da turma no enunciado dos problemas matemáticos. Esses eram escritos no quadro e copiados no caderno, onde as crianças precisavam ler, tentando interpretar o que se pedia. Quando solicitada para ajudar, a professora não induzia o cálculo para a solução, mas estimulava o raciocínio, lendo e refletindo junto com a criança. Esta interpretação é fundamental para identificar o cálculo necessário para a solução do problema.

O uso constante da leitura ajuda na capacidade de interpretação. Segundo Cagliari (p.148), "o aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema. Porque de fato ele não entende mesmo é o português que lê".

Neste sentido notei que uma criança precisou que a professora lesse o problema várias vezes para identificar a conta a ser feita. Conclui que esta criança ainda possui dificuldades para ler. Após essa observação, questionei a professora sobre as possíveis dificuldades e descobri que essa criança dispõe de muitas faltas, não faz as tarefas e não tem estímulo nenhum em casa. A mãe acredita que a mesma possua algum transtorno de aprendizado, que já foi descartado pela neuropsicopedagoga responsável.

Fazendo uma análise sobre a escrita da aluna citada, percebi que ela identifica as sílabas e, se estimulada, consegue formar palavras. Todavia, sempre que há a necessidade de ler ou escrever, antes de sequer pensar, ela fala "mas eu não sei ler/escrever". Nota-se que além da insegurança - medo de não receber aprovação pelo que faz -, a mesma está acostumada a receber as respostas, sem ter que pensar.

Uma das atividades realizadas na intervenção foi a interpretação de imagens de uma história desenhada por Eva Furnari. Entreguei uma folha com a história imagética para cada criança e pedi que escrevessem um texto, contando a história que viam nas imagens numa sequência de seis cenas. Orientei que colocassem o nome da história na primeira folha (capa) e o autor.

As histórias contadas somente através de imagens são narrativas sequenciais e completas. Zilberman (2005), diz que ao ler um livro de imagem, o leitor é o responsável por modificar a história narrada por meio de imagens em palavras, transformando a linguagem visual em linguagem verbal.

> O livro de imagem deve: estimular a imaginação da criança, a linguagem deve ser apropriada ao universo da criança, tanto no formato quanto no modo de se apresentar a linguagem, as ilustrações devem fugir de estereótipos. (FURNARI, 2003).

Essa atividade despertou muita criatividade e explorou a interpretação e imaginação de cada um. Terminada a produção escrita, o texto de cada criança foi lido e conhecido pela turma. Isto é fundamental pois, conforme afirmação de Cagliari (1992, p.149) "a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. [...] Ler é um processo de descoberta."

Ao propor essa atividade, a aluna mencionada anteriormente insistiu em dizer que não faria, porque não sabia escrever. Pacientemente, coloquei uma cadeira ao seu lado, para ajudá-la a escrever sua história. Ainda assim, ela disse que não faria, porque não sabia o que escrever. Então a perguntei: "O que você vê nessa imagem?". Ela respondeu: "Uma bruxa e um leão. O leão assustou a bruxa, mas ela viu que ele só queria ajuda e depois ficaram amigos". Sugeri que escrevêssemos isso.

Ela continuou relutante em fazer, por medo de errar, mas permaneci ao seu lado todo tempo. Sem dizer qual letra ela deveria colocar para formar as frases, fui ajudando-a para que refletisse como formar as sílabas. Soletrava pausadamente: "U-MA". Ela pensava e perguntava, após escrever o "u": "MA é o M e o A?" ou "N de Natan?", demonstrando que faz a leitura global, reconhecendo o nome dos amigos mesmo sem saber ler. E assim seguimos por todo o texto. Ela sabia como formar todas as sílabas, apenas tinha medo de formar as palavras e estar escrevendo de forma errada.

Diante de situações como esta, cabe ao professor ouvir e compreender as preocupações do aluno e reforçar que para aprender, deve-se "aceitar que não sabem ou que não sabem o suficiente. Que podem ser ajudadas ou ajudar os outros. Que aprender significa esforço, uma certa frustração, perseverança, tolerar decepções, etc., quando o resultado não é o imaginado ou o desejado." (Maruny, 2000, p.82)

Como citei, uma sala de aula pode ser um ambiente alfabetizador e um espaço de letramento. O ambiente da minha pesquisa conta com um calendário, letras escritas de forma cursiva e de forma e palavras expostas em paredes, com o intuito de proporcionar um ambiente alfabetizador, onde as crianças têm contato constante com a língua escrita. Algumas crianças já dispõem deste ambiente em casa, conforme destaca a autora a seguir:

> Num contexto onde a escrita e a leitura fazem parte das práticas cotidianas, a criança tem a oportunidade de observar adultos utilizando a leitura de jornais, bulas, instruções, guias para consulta e busca de informações específicas ou gerais; o uso da escrita para confecções de listas, preenchimento de cheques e

> documentos, pequenas comunicações e atos de leitura dirigidos a ela (ouvir histórias lidas). A participação nessas atividades ou a observação de como os adultos interagem com a escrita e a leitura gera oportunidades para que a criança reflita sobre o seu significado para os adultos". (AZENHA, 1999, p. 44).

Infelizmente, num país com tamanhas diferenças sociais como o nosso - no qual muitas famílias vivem em situação de vulnerabilidade social – muitas crianças, inclusive nessa turma, não têm esta possibilidade. Neste caso, o espaço escolar se torna fundamental para a inserção na cultura letrada. Historicamente a leitura tem sido privilégio das classes dominantes e a "sua apropriação pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só à elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais" (SOARES, 1995, p.48).

A leitura contribui muito nessa fase de alfabetização, onde as crianças já decodificam as palavras e começam a entender os seus sentidos. No entanto, as crianças que ainda não conseguem ler, devem ser estimuladas a desenvolver a "pseudoleitura", ou seja, fingir que estão lendo ao folhear um livro. Isso pode despertar o interesse e, assim, contribuir para o seu letramento.

No segundo dia de intervenção, fomos novamente ao Cantinho da Leitura, onde fiz a leitura do livro "Zeropéia", do autor Herbert de Souza, mostrando simultaneamente as imagens. É uma história divertida e com uma grande reflexão sobre as personalidades. Diferente do primeiro dia, após a contação dessa história, todos interagiram, conversaram e debateram sobre a moral da história, com bons argumentos e uma ótima interpretação, relacionando os fatos da história com algumas situações cotidianas. Essa atividade comprova o que diz Souza:

> Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (SOUZA, 1992, p. 22).

Aproveitei o momento no Cantinho da Leitura e apresentei o livro Listas Fabulosas, da autora Eva Furnari, o qual traz várias listas inusitadas e engraçadas. Ao ler o título, questionei se eles sabiam o que significava a palavra "fabulosa" e dois alunos sabiam. É importante atribuir significado às novas palavras apresentadas, para que a leitura traga consigo mais esse benefício.

Escolhi duas listas do livro para ler e divertir: "Nome dos negócios do meu tio" - que traz coisas como: Turismo Barco Furado e Padaria Pão Duro. E a outra lista lida foi "As profissões mais difíceis do mundo" na qual entre as profissões elencadas estão: Dentista de

jacaré e Nutricionista de urubu. Porém, as crianças não acharam graça neste texto, a leitura destas listas não provocou os risos esperados. Talvez o motivo tenha sido a presença de várias palavras diferentes das que estão habituadas, outra hipótese é o gênero textual pouco conhecido. Por isso, a diversidade de gêneros é importante na sala de aula, uma vez que ler é um processo de descoberta de novas palavras, expressões, lugares, gêneros, etc.

No terceiro dia de intervenção, levei diversas caixas de diferentes tamanhos e deixei lá no Cantinho da Leitura, despertando a curiosidade das crianças. Peguei uma delas e iniciei a contação da história "O Homem que amava caixas" de Stephen Michael King. Trata-se da história de um homem que usou o seu amor por caixas para demonstrar o amor pelo filho, construindo juntos castelos, aviões, etc. Enquanto eu contava, fazia gestos e usava as caixas para encenar. Dessa vez, não havia livro, nem imagens. Era apenas a história e a imaginação das crianças. Posteriormente, cada um pegou uma caixa e iniciou a confecção de algo que gostava. Porém, como não havia tempo para a conclusão desta atividade em sala de aula, as crianças levaram suas caixas para casa, com a orientação de que finalizassem tal confecção com sua família.

Já no período de observação da turma, constatei que a maioria das crianças não tinha um bom acompanhamento educacional da família. Assim, não acreditei que realizariam essa tarefa com caixas. Mas, para minha surpresa, quase toda turma levou no outro dia de aula a produção realizada com as caixas e relatou que foi um momento de diversão e interação com a família. E, ainda, disseram que recontaram a história para os pais.

Segundo o dicionário Aurélio, re + contar = recontar classifica-se na categoria dos verbos transitivos diretos, sugerindo que quem reconta o faz a partir de algo que se ouviu contar, ou seja, contar de novo ou tornar a contar ou ainda contar outra vez.

Recontar também tem seus encantos e benefícios, pois, além de favorecer a criança conhecer o enredo das histórias e desenvolver sua oralidade, "ao recompor o texto, trazem suas próprias ideias acerca de como se constrói o texto" (Maruny, p.128)

No quarto dia de intervenção trabalhamos com a leitura da fábula "A Cigarra e a formiga". Levei uma folha impressa com a história e pedi que lêssemos todos juntos. Enquanto toda a turma lia em voz alta, eu acompanhava a leitura com a aluna com dificuldade para ler - citada anteriormente-, sinalizando as palavras que estavam sendo faladas. Depois, li sozinha em voz alta a mesma história, mudando a entonação e fazendo gestos.

Propus a partir desta leitura uma atividade em trio, na qual cada um representava um personagem (narrador, formiga e cigarra), mas apenas seis crianças participaram.

O ato de contar histórias todos os dias para as crianças, aos poucos vai criando a noção de que ler é um hábito do cotidiano, e assim elas começam a tomar gosto e prazer pela

leitura. Sendo assim, observei que as crianças ficaram mais à vontade com as atividades propostas ao longo dos dias, ainda que ficassem tímidas em alguma delas.

Para Bamberger (1987, p. 92) o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas.

Após a leitura feita por eles, entreguei uma folha em branco e pedi que dividissem em quatro partes, onde deveriam desenhar a história que lemos e, a partir dessas cenas, cada um criou o seu próprio livro, baseado na fábula. Foi interessante constatar que a maioria das crianças modificou o final da história. Os contos tradicionais costumam terminar com frases que remetem ao "felizes para sempre" e, provavelmente por esta influência, vários textos escritos por eles foram concluídos desta forma: "ficaram amigos" e "viveram felizes para sempre". Também podemos considerar o desejo de que tudo acabe bem, expresso na releitura do conto A cigarra e a formiga, onde as crianças usaram frases como: "a formiga perdoou a cigarra e elas ficaram amigas", "a cigarra pediu desculpas para a formiga" ou "a formiga deu comida para a cigarra e elas ficaram amigas".

Para trabalhar com poesia apresentei-lhes um cartaz com o poema "O Gato", de Vinícius de Moraes. Fizemos a leitura coletiva duas vezes e depois os questionei sobre as palavras que estavam rimando no texto. Após identificá-las, brincamos de rimas com outras palavras do poema.

A rima, segundo Saraiva (2011), "possibilita a exploração de semelhanças e diferenças entre palavras e partes de palavras", ajudando a desenvolver a consciência fonológica da criança. Além disso, estimula a criança a criar e se expressar.

No último dia de intervenção aproveitamos o contato com as rimas e brincamos com as parlendas. Num primeiro momento, observei se as crianças tinham o conhecimento das parlendas mais populares em nossa região. Confirmado isso, ficamos um tempo tentando nos lembrar das que conhecíamos e recitando-as.

Lancei, então, um desafio. Escrevi seis parlendas conhecidas em um papel e fotocopiei na secretaria da escola. Recortamos as frases e colocamos em envelopes, que foram entregues para cada criança, que deveria montar o quebra-cabeça de frases com as parlendas. As crianças mantiveram muita atenção e demonstraram muito interesse pela atividade.

Quando uma criança desenvolve o gosto pela leitura, ler torna-se um hábito prazeroso. Por isso, todas as atividades tinham como objetivo despertar o interesse pela leitura, demonstrando que ela pode ser feita com muito prazer, criatividade e ludicidade.

Considerações Finais

A leitura é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como a memória, percepção, atenção ou a resolução de problemas. Além disso, ela contribui para a ampliação de vocabulário, estimulação de pensamento crítico e para desenvolver a imaginação.

O presente artigo teve como principal objetivo pesquisar a presença da leitura em uma turma do segundo ano do ciclo de alfabetização. Além disso, por se tratar de uma pesquisa-ação, houve a possibilidade de intervenção na realidade, trabalhando com diferentes gêneros literários com as crianças da turma.

Constatou-se que a leitura estava presente, sendo trabalhada através de alguns textos e, principalmente, em livros didáticos. Entretanto, não se observou a presença de vivências literárias que proporcionassem prazer às crianças ou que as motivassem a tornarem-se leitores.

Sendo assim, foram propostas atividades com o intuito de despertar a curiosidade e o prazer pela leitura. No início, como não estavam habituadas a esse tipo de vivências, as crianças encontravam-se resistentes e envergonhadas. Conforme as atividades iam preenchendo o seu cotidiano, todos foram se entregando aos encantos que os gêneros literários proporcionam.

Destaca-se na pesquisa que as crianças se interessaram em ouvir histórias, tanto sendo lida ou apenas contada, sem o auxílio de um livro. Através de ilustrações as crianças foram capazes de contar sobre o que viam, o que pode ter possibilitado a ampliação de vocabulário e a capacidade de expressão. É importante enfatizar que, durante o período de intervenção, as atividades provocaram momentos de muita diversão e sem deixar de ocorrer aprendizagens.

Referência bibliográfica

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices.** 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1988.

BATISTA, Antônio A. G. **Alfabetização, leitura e escrita.** In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Rosa H. (org.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 13-17.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística.** 10.ed. São Paulo: Scipione, 1992.

DUTRA, Vânia L. R. **Abordagem funcional da gramática na Escola Básica. Anais do VII Congresso Internacional da Abralin**. Curitiba, 2011. Disponível em: www.abralin.org. Acesso em junho de 2011.

KRIEGL, Maria de Lourdes de Sousa. **Leitura: um desafio sempre atual**. Revista PEC, Curitiba. V.2, n.1, p.1-12, jul. 2001-jul.2002.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Contexto, 1997

Maruny, Curto Lluís. **Escrever e Ler: Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler** / Lluís Maruny Curto, Maribel Ministral Morillo e Manuel Miralles Teixidó ; trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre : Artmed, 2000.

MEIRELES, Cecília, 1910-1964. **Problemas da literatura Infantil.** 2. Ed. São Paulo: Summus, 1979. 117 p.

OLIVEIRA, J. B. A. CHADWICK, C. **Aprender e ensinar.** 9ª ed. Belo Horizonte. Instituto Alfa e Beta, 2008.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília, DF: MEC, 1998. V.3: Conhecimento do mundo.P. 119.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura Infantil: Uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola.** 2. Ed São Paulo: FTD, 1995. 78. (Por onde começar?) ISBN 85-322-0212-8.

SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação.** Porto Alegre: Artmed, 2001. 238 p. ISBN 85-7307-775-1.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda Becker. **Comunicação e expressão: o ensino da leitura**. In: ABREU, Márcia. (Org.). Leitura no Brasil: antologia comemorativa pelo 10.º COLE. Campinas – SP: Mercado Aberto, 1995.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997